

RÚSSIA ENSINA À EUROPA O ABC DO COMÉRCIO DE GÁS

Por M.K. Bhadrakumar*



Instalações do gasoduto Nord Stream 2 (Grigory Sysoev/Sputnik).

Especificamente para a Alemanha, a falta de gás russo não implicaria apenas em congelar as residências, mas em implodir todo o seu modelo econômico.

O impensável está acontecendo pela segunda vez em cinco meses: a gigante russa de gás Gazprom escreve para empresas de gás alemãs anunciando força maior a partir de 14 de junho, isentando-a de qualquer compensação por déficits desde então.

A primeira vez que o choque e a admiração apareceram nas relações germano-russas este ano foi em 22 de fevereiro, quando o chanceler Olaf Scholz surpreendeu até observadores políticos mais endurecidos ao congelar o processo de aprovação do recém-construído gasoduto Nord Stream 2. O gasoduto de US\$ 11 bilhões sob o Mar Báltico teria dobrado o volume de gás enviado diretamente da Rússia para a Alemanha, mas Scholz bloqueou seu comissionamento. Eram dias felizes em que Berlim falava em “derrotar” a Rússia.

A decisão de Scholz foi uma reação à decisão de Moscou em 21 de fevereiro de reconhecer duas regiões separatistas da Ucrânia como repúblicas independentes. Os falcões da Rússia na Alemanha aplaudiram sua decisão. A aclamação veio à tona. Jana Puglierin, chefe do Conselho Europeu de Relações Exteriores em Berlim, elogiou Scholz, dizendo que ele estava “aumentando o nível de todos os outros países da UE... esta é uma liderança real em um momento crucial”.

No entanto, em Moscou, que tem um conhecimento profundo do mercado de energia alemão, a ação de Scholz foi vista como um ato de automutilação deliberada. Moscou reagiu com um lampejo de humor sardônico. Dmitry Medvedev, ex-presidente e vice-chefe do Conselho de Segurança da Rússia, tuitou: “Bem-vindo ao admirável mundo novo, onde os europeus em breve pagarão €2.000 por 1.000 metros cúbicos de gás!”

Ele estava se referindo à sombria realidade de que o gás representava um quarto do *mix* de energia da Alemanha, e mais da metade dele vinha da Rússia. De fato, ficou claro que a dependência da Alemanha do gás só poderia aumentar depois de decidir engavetar a energia nuclear após o desastre de Fukushima em 2011 no Japão e se comprometer a eliminar gradualmente a energia a carvão até 2030.

Mas Scholz insistiu que a Alemanha expandiria sua capacidade de energia solar e eólica “para que possamos produzir aço, cimento e produtos químicos sem usar combustíveis fósseis”. Sua confiança na verdade vinha do fato de que a Alemanha tinha um contrato de longo prazo com a Rússia para fornecer gás a um preço amigável via Nord Stream 1.

A primeira indicação de que algo estava terrivelmente errado foi quando o influente diário russo *Izvestia* escreveu em 11 de julho, citando especialistas do setor em Moscou, que a paralisação de rotina programada do NS1 para manutenção e reparos anuais de 11 a 21 de julho poderia continuar devido ao Canadá segurar, devido às sanções contra a Rússia, a turbina que foi para reparo.

O diário passou a prever que a Gazprom poderia anunciar força maior por causa de sanções ocidentais, já que a Siemens já falhou duas vezes em devolver equipamentos à Gazprom após reparos no Canadá, o que resultou em uma redução no fluxo de gás dos 167 milhões de metros cúbicos planejados para 67 milhões de metros cúbicos por dia.

O *Izvestia* observou que a situação levaria a um aumento no preço do mercado *spot* do GNL para mais de US\$2.000 por 1.000 metros cúbicos – talvez, “ainda mais – até US\$3.500” – do nível de preço de 8 de julho, de US\$1.800.

Atendendo a um pedido urgente de Berlim e recomendação de Washington para renúncia de sanções, o Canadá concordou, mas, segundo o *Izvestia*, mesmo depois que a Siemens devolver as turbinas à Gazprom, “haverá um longo período de testes das turbinas para descobrir se elas foram reparadas corretamente. Ninguém quer instalar turbinas que correm o risco de falhar depois de serem reparadas em um país hostil. Portanto, o tempo real para o lançamento de turbinas e o retorno do SP-1 (NS1) à sua capacidade projetada é de dois a três meses.”

Ou seja, o mais cedo que o gás pode fluir pela NS1 é apenas em setembro/outubro. Mesmo assim, a Gazprom pode não ser capaz de utilizar mais de 60% de sua capacidade, já que as revisões de mais duas turbinas estão atrasadas.

Portanto, os especialistas disseram ao *Izvestia* que os problemas de escassez de gás na União Europeia persistirão nos próximos invernos e as autoridades podem ter que “limitar o fornecimento de água quente, escurecer as luzes das ruas, fechar

piscinas e desligar equipamentos que consomem energia” e, além disso, em vez de energia verde, mudar para carvão.

O jornal *Kommersant* informou hoje que, embora os eventos clássicos de força maior possam ser desastres naturais, incêndios etc., no caso da Gazprom, “estamos falando de um mau funcionamento técnico do equipamento”, que pode levar a litígios – e “o que será decisivo é se as ações da Gazprom para cortar o fornecimento de gás foram proporcionais à escala real dos problemas técnicos”.

Evidentemente, a Gazprom está bem-preparada. Os alemães suspeitam que o álibi da empresa para a não entrega de turbinas a gás do Canadá, e outros, é falso. E o *Kommersant* prevê um “longo julgamento”. Agora, o problema é que, a longo prazo, estaremos todos mortos.

Para a Alemanha, no entanto, esta é uma situação grave, já que muitas indústrias podem ter que fechar e pode haver uma séria agitação social. Os alemães estão convencidos de que Moscou está recorrendo à “opção nuclear”. A grande questão é se a solidariedade da Alemanha com a Ucrânia sobreviverá a um inverno frio.

A confiança de Scholz se baseava na crença de que a Rússia precisava desesperadamente da receita das exportações de gás. Mas, hoje, Moscou está gerando mais receita com menos exportações. Indiscutivelmente, a melhor estratégia da Rússia hoje seria reduzir as entregas de gás sem acabar com elas, pois mesmo que a Rússia venda apenas um terço do gás que vendia anteriormente, suas receitas não são afetadas, uma vez que a escassez de GNL globalmente aumentou exponencialmente o preço de mercado. É uma aposta justa que é o que a Gazprom faria.

Putin uma vez revelou que, sob os contratos de longo prazo, a Rússia vendia gás para a Alemanha a um preço ridiculamente baixo – US\$280 por mil metros cúbicos – e a Alemanha estava até revendendo gás russo para outros clientes por um bom lucro!

O que mais prejudica a Alemanha é que não se trata apenas de congelar as casas, mas da implosão de todo o seu modelo econômico que depende excessivamente das exportações industriais, graças às importações de combustíveis fósseis baratos da Rússia. A indústria alemã é responsável por 36% de seu uso de gás.

A Alemanha se comportou sem princípios em todos os aspectos da crise na Ucrânia. Ele fingiu apoiar Zelensky, mas evitou dar apoio militar, desencadeando uma desagradável disputa diplomática entre Kiev e Berlim. Por outro lado, quando Moscou introduziu o novo esquema de pagamento para as exportações de gás, tornando obrigatório o pagamento em rublos, a Alemanha foi o primeiro país a entrar na fila, sabendo bem que o novo regime prejudicaria as sanções da UE.

Assim, Moscou insiste que os compradores de gás alemães mantenham contas em euros e dólares no Gazprombank (que não está sujeito a sanções da UE) e convertam as moedas em rublos, uma vez que o banco central russo está sujeito a sanções ocidentais e não pode mais negociar nos mercados de câmbio!

Os russos deram um baile nos europeus. Claramente, é impossível sancionar um país que está sentado em *commodities* valiosas. A Rússia é o segundo maior exportador de petróleo do mundo, o maior exportador de gás e o maior exportador de trigo e fertilizantes – além da variedade de metais de terras raras como o paládio.

Tanto a Boeing quanto a Airbus reclamaram de riscos em sua cadeia de suprimentos. A Airbus importa grandes quantidades de titânio, das quais cerca de 65% do fornecimento do metal vem da Rússia. Ela solicitou publicamente à UE que não imponha restrições ao material, que é usado para fabricar componentes críticos de aeronaves.

Assim, não é surpresa que a UE esteja diminuindo o ritmo das sanções contra a Rússia. Os burocratas em Bruxelas esgotaram o potencial para aumentar as sanções e as elites políticas admitem que as sanções foram um erro.

As consequências para as economias europeias já são extremamente graves. O aumento dos preços da energia está alimentando a inflação em todos os países da UE. De acordo com as previsões, na França a inflação chegará a 7% este ano; na Alemanha 8,5-9%; e na Itália 10%. E isso é apenas o começo. A maioria dos países também enfrentará uma queda séria no PIB no próximo ano – de 2% para 4%.

Publicado no [Indian Punchline](#).

**M.K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
